

# **ENTREVISTA**



# **Assim se fazia arqueologia: entrevista com o arqueólogo Pedro Ignacio Schmitz**

*Mirian Carbonera*

Pedro Ignacio Schmitz, Livre Docente pela PUCRS, com vasta experiência em História, Arqueologia e Antropologia. Atualmente Coordena o IAP - Anchietao de Pesquisas/UNISINOS. A entrevista foi realizada na cidade de São Leopoldo/RS, no dia 14 de março de 2006, no Instituto Anchietao de Pesquisas, realizada por Mirian Carbonera\*. Nela podemos destacar as pesquisas arqueológicas realizados no sul do Brasil, especialmente no Oeste Catarinense.

**Mirian: Então professor, o senhor gostaria de se identificar.**

**Pedro:**Bom, eu sou Pedro Ignacio Schmitz, tenho 76 anos, estou trabalhando sistematicamente em arqueologia desde 1975. Tenho trabalhado no Sul do Brasil nos primeiros tempos da pesquisa, depois um pouco no Uruguai, durante 3 anos. Depois disso, fui para Goiás, de 72 até 85, Tocantins, Bahia, Pernambuco. A partir de 85 fomos pro Mato Grosso do Sul até 97. Atualmente, estamos outra vez no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, tentando agora aprofundar questões que foram levantadas nesses primeiros tempos, nossos projetos nas áreas do Brasil Central, do cerrado e da caatinga, esses por enquanto acabaram. Estamos agora nos concentrando mais aqui na região do sul, tanto no planalto quanto no litoral.

**Mirian: O Senhor tem formação em História, Antropologia, qual a formação inicial.**

**Pedro:** Minha formação inicial foi em Filosofia. Depois disso, eu fiz História e Geografia na UFRGS, depois eu fiz alguns estágios, eu fiz estágios na Áustria, depois passei um ano na Argentina, no Museu de La Plata e depois fui juntando conhecimento através de participação em projetos. Como não havia nenhum curso no Brasil nem de especialização, nem de mestrado, nem doutorado, então eu fui juntando conhecimentos através de participações de expedições e também de bibliografia, com isso, eu circulei um pouco na Europa, um pouco na América Latina toda, eu visitei desde a Argentina até o México e fiz dois pequenos estágios nos Estados Unidos. E com

isso eu consegui juntar conhecimentos. Para validar essa minha formação eu fiz concurso de livre docência em 1976, como esse título é mais alto que o de doutorado, eu ganhei também o de doutorado em Geografia e em História, porque o título de livre docente é mais alto. É um título posterior ao de doutorado, que naquele tempo se podia fazer independentemente. A minha experiência, em grande parte, é de formação própria, quer dizer, eu tive que pegar as áreas que não tinham nenhum conhecimento e a partir daquilo que eu podia fazer, eu fui criando esquemas e modelos, que abrangem uma boa parte do Brasil Meridional e uma grande parte do centro do Brasil e, do oeste, o Mato Grosso do Sul especialmente.

**Mirian: Lá nos anos 50, a arqueologia brasileira estava começando, como o senhor chegou a decidir por essa ciência?**

**Pedro:** Olha, a minha vocação nasceu quando eu era criança bem pequena, eu brincava muito em um pequeno abrigo atrás da nossa casa e não vista 100 metros da nossa casa, um abriguinho muito pequeno, onde nos brincávamos, fazíamos piqueniques. Em 1967, o Pedro Augusto Mentz Ribeiro, ele trabalhava conosco no Instituto, um dia ele chega e disse: “Olha eu encontrei um pequeno abrigo lá em Bom Princípio”. Eu perguntei e o dono? “Pedro Fidrolino Schmitz”. Eu disse: Pedro pára aí, não mexe mais... esse é meu pai. Bom, então minha vocação vem de lá, o início. Bom depois disso, em 1970, eu fui escavar esse sítio, junto com a Ítala Irene Basile Becker e naquele tempo o frei Danilo Lazzaroto, 1970. Esse material foi lavado, numerado e estocado e, no ano passado, eu precisei de um material para um bolsista, eu fui desentocar e mandei datar, deu 7.800 anos A. P. Aí nasceu minha vocação e agora estou tentando publicar esse material, eu tenho um trabalho bem adiantado, quase pronto.

A minha vocação real depois surgiu, quando, em 1958, o Pe. Balduíno Rambo me convidou para trabalhar com ele na URGS. Eu era aluno ainda da didática, ele me disse: “Olha, você já pode ser meu auxiliar” e, em 1958, então comecei. Um dia ele me falou assim:

“Olha, eu estou trabalhando com Kaingangs”. Naquele tempo também não havia ainda a arqueologia, não havia a etnografia desses grupos. Eu estou trabalhando com Kaingangs, ele publicou um pequeno trabalho sobre isso, mas não tem ninguém trabalhando arqueologia no Brasil, você podia fazer carreira. Isso foi em 1958, ele me disse mais, eu lhe ajudo em todas as coisas que eu puder, então ele me deu um aparelho fotográfico. Ele me levava para alguns lugares, Itapiranga foi a primeira visita a um sítio arqueológico, em 1957 acho que foi, depois foi em Osório, depois foi na coleção do Pe. Rohr no Colégio Catarinense. Em 1960, eu fiz um estágio nos Andes, com a Universidade Federal de Córdoba na Argentina, uma equipe grande com 37 alunos, mais 30 operários e mais 12 soldados. Dois meses nos Andes, com uma verba que não daria hoje para um dia de trabalho, dois meses, foi uma experiência incrível! Eu escavei fortalezas incaicas, escavei casas do período formativo, do período de formação das culturas, escavei abrigos com pontas e tudo isso. Depois disso, duas vezes eu acompanhei a Annette Laming Emperaire em Paranaguá. A primeira vez no sítio do Torão, um pequeno sambaqui, nós ficamos um mês escavando sambaquis e depois na Antonina na Ilha das Rosas, onde ficamos um mês e meio escavando sambaqui. Nessa época, um pouco depois, houve contato com a Betty Meggers e o Clifford Evans, onde eu aprendi coisas sobre tupi-guarani. A partir disso então, quando eu me liberei, quando eu terminei a minha formação, em 1965, eu recebi verba do Patrimônio Histórico Artístico Nacional, naquele tempo do Dr. Rodrigo Mello Franco de Andrade. Ele me mandou um cheque, era véspera de Natal, para eu fazer levantamento de sítios. Aquela primeira etapa de levantamento de sítios, que era obrigação do governo federal, para saber que sítios arqueológicos nós tínhamos. Então eu me lembro, deve ter sido em 1965, veio o primeiro cheque, com o recibo para eu assinar, para fazer levantamento de sítios, isso continuou durante 11 anos.

**Mirian: Isso abrangia a região aqui do Sul?**

**Pedro:** É levantamento de sítios, éramos 11 arqueólogos que recebíamos esse dinheiro, para cumprir a obrigação do IPHAN, que era fazer o cadastro dos sítios arqueológicos brasileiros, aí nós fizemos os primeiros cadastros, antes disso começou o PRONAPA, que também fez levantamentos de sítios arqueológicos. A partir disso então, a partir do modelo do PRONAPA, que era um modelo de arqueologia com enfoque histórico, na Escola Histórica-cultural americana, eu expandi os projetos para Goiás, Tocantins, Bahia, Pernambuco e depois Mato Grosso do Sul, naquele mesmo modelo de localizar, identificar, datar, redistribuição espacial e temporal, isso foram as primeiras coisas. Então minha vocação era bem assim aos trancos e barrancos. O Pe. Balduino Rambo morreu três anos depois que ele tinha dito “Olha você podia fazer carreira”, morreu em 61. Olha, eu tive que batalhar sozinho, fui buscando nos diferentes lugares onde havia uma chance de fazer um estágio, um treinamento. Fiz um treinamento com Igor Chmyz sobre cerâmica missioneira e depois a gente foi juntando pessoas para fazer essa primeira etapa da arqueologia.

**Mirian: Nessa época o Instituto Anchieta já existia?**

**Pedro:** O Instituto Anchieta faz 50 anos agora, foi fundado em 1956 e quem escreveu a ata da fundação foi esse menino Pedro Inácio Schmitz como secretário.

**Mirian: E na época da fundação, quais eram as linhas de trabalho do Instituto, já tinha a arqueologia incluída ou não?**

**Pedro:** Em 1956 ainda não, quer dizer, em 1956, havia uma porção de jesuítas que faziam pesquisa no sul do Brasil e no Mato Grosso, na missão do Mato Grosso e o Instituto tinha a idéia de juntar estes jesuítas que estavam pesquisando em química, em física, em qualquer outro campo, na história, na botânica ou em outras coisas. Para que eles tivessem mais apoio havia uma idéia de um grande Instituto, de uma grande expansão de jesuítas. Só que na

década de 60, a ordem, como as outras ordens, foi perdendo seus membros e aqueles que estavam destinados a serem pesquisadores no Instituto também foram embora. Então, ele ficou mais reduzido, aos poucos foi sendo reduzido ao campo da história, da botânica, da arqueologia que ele tem agora. Os outros pesquisadores do tempo foram morrendo e outros ficaram na universidade, inclusive contabiliza o trabalho deles agora na universidade, não mais dentro do Instituto. Atualmente no Instituto nós temos arqueologia, um pouco de antropologia e botânica.

**Mirian: E esse primeiro contato que o senhor teve com Itapiranga, lá em 1957, poderia descrever melhor?**

**Pedro:** Bom, isso foi já a idéia do Pe. Balduíno Rambo. Eu fui para a Universidade Federal em Porto Alegre, puxado pelo cabelo pelo Pe. Luíz Gonzaga Hieger que era historiador da província, o historiador dos jesuítas e ele estava ficando velho e queria um sucessor. Então ele me chamou para ser o sucessor dele, mandou que eu estudasse na Universidade Federal de Porto Alegre. Os outros jesuítas estudavam sempre na católica, que era ordem do bispo local. Mas o Pe. Balduíno Rambo era meu professor de antropologia e etnografia. Por isso, aos poucos, ele foi me desviando do meu destino original. Como ele era meu professor, então ele foi aos poucos me seduzindo para a arqueologia. Como ele fazia coletas de botânica, então ele me levou para Itapiranga, nós parávamos em um pré-seminário que havia naquele tempo. Nós parávamos lá no seminário e nos fundos do terreno do pré-seminário estava esse sítio tupi-guarani, no qual eu tomei contato e foi o meu primeiro trabalho de arqueologia, uma coisa muito simples, muito primitiva, minha primeira impressão. Eu, naquele tempo, era estudante de história e geografia ainda, mas começou por aí, sempre na mão do Pe. Balduíno Rambo. Com o Pe. Balduíno Rambo eu encontrei o Ravino Raitz também, que tinha aquela grande coleção de botânica, que agora está em Itajaí. Agora é Herbário Barbosa Rodrigues, que foi outra mão para o museu que o padre Ravino Raitz criou toda a coleção de



botânica e tinha um museu não me lembro mais, se em Brusque ou por ali perto, tinha um museu que tinha também arqueologia, história e coisas assim, então esse foi um outro apoio, que nós visitávamos o Pe. Ravino Raitz seguidamente. Era uma pessoa de alta cultura, interessada em patrimônio e desse jeito eu também cheguei ao Pe. Alfredo Rohr, através do Pe. Balduino Rambo. O Pe. Rohr tem uma história muito estranha. O Pe. Rohr era uma daquelas pessoas como o Pe. Balduino Rambo, que eram enciclopédicas. O Pe. Rohr era professor de química no Colégio Catarinense, mas ao mesmo tempo aquele interesse em fazer o museu de todas as coisas que existem no mundo, era o modelo de museu daquela época. Todos os museus eram assim, começavam com a criação do mundo, começava com geologia, passava por fósseis, botânica e depois arqueologia. O Pe. Rohr era uma dessas pessoas que foi comprando coleções, comprou uma coleção de 40 mil cacos tupi-guarani, que eu analisei em 1958 ou 1959, onde criei os primeiros modelos de decoração tupi-guarani. Foi nas mãos do Pe. Balduino Rambo que cheguei até o Pe. Rohr. Mas a história do Pe. Rohr é uma história muito estranha e feliz, porque ele era professor de química e um dia um aluno contestou uma nota que ele tinha dado, dizendo que ele tinha perseguido o aluno. O Pe. Rohr perdeu as aulas de química por causa disso, aí ele se dedicou exclusivamente a arqueologia, essas coisas de sorte na vida. A primeira escavação grande que o Pe. Rohr fez foi a base área, eu fui visitá-lo quando ele criou aquelas cimentações de esqueleto. Eu estava junto quando ele experimentou isso junto com o Rambo sempre e inclusive....

**Mirian: Isso no final dos anos 50?**

**Pedro:**No final dos anos 50, acho que foi em 58, 59 por aí, que nós publicamos isso em 59, eu acho na Pesquisas, inclusive eu conhecia mais de estratigrafia que o Pe. Rohr. Eu fui ajudando ele um pouco nesse primeiro trabalho. Então aí eu fiz contato com ele, depois eu escavei alguns dias na Tapera, junto com ele, mas eu sempre tive uma consideração de muito respeito e de distância com

Pe. Alfredo Rohr. Ele era um desses jesuítas antigos que trabalhava sozinho e a gente não devia jamais pensar em interferir. A gente podia ficar junto, mas nunca interferir no trabalho. Essa posição eu mantive, em todo o meu relacionamento com ele até a morte dele em 1984, foram muitos anos que a gente conviveu como colega, mas sem jamais interferir ou dar palpite. O Pe. Rohr tinha sido, Reitor do Colégio, era uma pessoa reconhecida nacionalmente. É o maior escavador do Brasil. Hoje existe o prêmio João Alfredo Rohr na Sociedade de Arqueologia Brasileira. No ano passado, quando houve a reunião, a gente deu esse prêmio, não me lembro mais para quem foi, mas são dois prêmios apenas que existem na Sociedade de Arqueologia Brasileira e um deles se chama Pe. João Alfredo Rohr. Ele nunca pertenceu à sociedade, ele tinha uma posição muita crítica com relação à sociedade; e a gente sempre respeitou essa posição, ele trabalhava num campo paralelo e eu tinha que tomar muito cuidado porque fui o primeiro presidente da sociedade, fui o segundo presidente, fui outra vez presidente, então ele sempre se manteve afastado, trabalhando paralelamente. Então eu sempre o tratei como um colega, sem nunca interferir. Ele sabia que eu ia herdar tudo o que ele tinha, mas procurei sempre manter essa posição, porque ele era uma figura muito maior do que eu. Eu sabia disso e sempre mantive esse posicionamento, nós éramos colegas, nós conversávamos, mas nunca nós procuramos discutir algum assunto de arqueologia. Nós tínhamos idéias muitos diferentes, tínhamos formação muito diferente. Então a minha relação com ele foi sempre assim, ele tem uma posição eu tenho outra posição, nós somos colegas, nós trabalhamos juntos, nós estamos na mesma obra e nós vamos nos respeitar.

**Mirian: Ele chegou a fazer alguns cursos, estágios, como foi essa passagem da química para a arqueologia?**

**Pedro:** Nesse tempo não havia cursos, não havia nenhum curso. Eu depois, em 70, fui fazer um curso em La Plata, um curso já mais regular, mas até ali eu já tinha feito dois estágios com a

Annette Laming Emperaire. O Pe. Rohr também fez não sei quantos com ela, sempre que ela oferecia um curso ele fazia. Depois ele manteve um contato grande - essa foi uma das razões porque nós estávamos em frentes diferentes - com a Estácio de Sá. Ele é um dos protetores da Estácio. A Estácio de Sá estava à margem do desenvolvimento geral, então nós estávamos caminhando em campos paralelos. Ele deu cursos na Estácio de Sá, ele escavou com o pessoal da Estácio, ele levava os alunos da Estácio para escavar com ele. Então era um momento em que a arqueologia brasileira não estava definida, ainda, assim em instituições. A Estácio dizia que ela era a única escola de arqueologia brasileira e só quem tivesse diploma da Estácio poderia continuar escavando no Brasil. Eu estive nesse encontro, quando o fundador da Faculdade da Arqueologia da Estácio falou isto, num Congresso em São Paulo de Arte Rupestre e foi assim uma coisa muito chocante! Quando ele falou, Milton Carmens fundador da Estácio, ele falou, no Congresso de Arte Rupestre, que depois da fundação da Faculdade de Arqueologia só quem tivesse título pela fundação, por essa faculdade, poderia a partir dali ser arqueólogo brasileiro. Bom, então, essa fundação, ela correu o seu próprio caminho, o caminho bem torturoso, e o Pe. Rohr estava ligado a essa fundação, eu estava numa outra. A Estácio de Sá queria fundar uma Sociedade de Arqueologia Brasileira que fosse sindicato, isso nem sei se já morreu, ainda se fundou posteriormente um sindicato de arqueólogos brasileiros. Mas nesse tempo se fundou a Sociedade de Arqueologia em 1980. Nesse tempo havia duas correntes fortes bem compreensíveis: por um lado, a Estácio e os amigos da Estácio e, por outro lado, um grupo de São Paulo e mais outros lugares por aí perdidos, entre os quais o Instituto Anchieta, menos eu, eu nunca estive nessas reuniões. Então, em 1980, quando se fez um encontro grande, se chamava Terceiro Simpósio de Arqueologia Goiana, terceiro Seminário de Arqueologia Goiana, eu era um dos organizadores, nós tínhamos convidado todos os arqueólogos conhecidos do Brasil, fizemos a primeira síntese da arqueologia brasileira, aqueles cinco caderninhos verdes onde

se publicou. E, no fim, o pessoal que estava lá olhou um pro outro e disse “Porque nós não fundamos a sociedade aqui”, era o golpe contra a Estácio, a Estácio só tinha um representante.

**Mirian: Então a sociedade sempre esteve paralela a isso, de tornar a arqueologia acadêmica ou formar uma sociedade...**

**Pedro:** Claro, claro, eram duas correntes bem compreensíveis, uma que se baseava sobre um curso de graduação que formaria os arqueólogos brasileiros.

**Mirian: E essa graduação ela estaria embasada em alguma corrente arqueológica específica?**

**Pedro:** De todas, ensinava de tudo, desde análise de moluscos, geologia, antropologia, de tudo. Era um curso de graduação de 4 a 5 anos. Tem muitos arqueólogos atuais que se formaram lá, mas era uma das tendências e a outra tendência já vinha das universidades, dos grupos que tinham assim os autodidatas ou daqueles que tinham curso universitário que não fosse arqueologia. Foi um encontro ou desencontro dessas duas linhas em Goiânia, em 1980. Então o grupo que estava reunido eram os arqueólogos das academias, eles resolveram fundar a sociedade. Então a Estácio estava representada só por um dos seus representantes, o maior, que era o Alfredo Mendonça de Souza, mas ele estava sozinho. Então se fundou a sociedade, eu sei que foi uma coisa assim, foi um golpe, foi uma decisão assim unilateral e para, digamos assim, para resolver a situação, o primeiro presidente foi uma pessoa que não tinha estado nas discussões, fui eu. Quando as discussões eram ferozes, eram muito fortes e foram feitas geralmente na Estácio, no Rio de Janeiro, na primeira vez que se fez a reunião, eu estava no Chile, a segunda vez que se fez a reunião eu estava em Itaipu, no Paraguai, então eu não tinha nada que ver com as discussões, aí eu estava lá num canto assim, bom, vamos ter que escolher um presidente que não tem nada que ver com essa discussão, era uma discussão bem feroz. E aí, para conciliar a situação, Alfredo Mendonça de Souza da Estácio

foi nomeado secretário. Na realidade, ele fez o reconhecimento, ele fez os estatutos, ele fez todos os registros e, com isso, se salvou um pouco essa situação, que era uma situação penosa. Com o Alfredo eu me entendia muito bem, eu freqüentava a casa dele, eu tinha estado no reconhecimento da faculdade, eu tinha que dar parecer sobre isso por conta do ministério, eu me entendia muito bem com o Alfredo e a Scheila Mendonça de Souza, nós éramos amigos. Então a gente conseguiu fazer esta conciliação e a sociedade aos poucos foi conseguindo evitar o conflito. O Alfredo foi fundamental na fundação, ele fez todo o trabalho do estatuto, todo o registro da sociedade que era uma coisa complicada, ele organizou o primeiro Congresso da Sociedade na Estácio. Era preciso reunir esses arqueólogos, fazer as eleições e apresentar os trabalhos, foi ele que organizou, isso foi a diretoria provisória. Quando se fez a primeira eleição, nós fomos reconduzidos, continuamos então mantendo por mais dois anos. Enquanto estivemos na sociedade, o Alfredo sempre foi uma pessoa básica e a Scheila na sombra do Alfredo nesse tempo. O Pe. Rohr estava ligado à Estácio, aí você pode entender um pouco, ele nunca quis entrar na sociedade.

**Mirian: Como é que foi o trabalho que o Pe. Rohr desenvolveu em Santa Catarina?**

**Pedro:** Bom, o Pe. Rohr, ele já começou isso mais cedo. Ele era membro do Instituto e nós sempre publicamos nas Pesquisas os trabalhos dele. Ele começou por causa do Museu, começou o levantamento de sítios, pequenas escavações e, quando o IPHAN se estruturou, mesmo que estivesse praticamente reduzido ao Rio de Janeiro, tinha como diretor Dr. Alfredo Rosins, que trabalhava com arqueologia. Ele que fazia os contatos todos, então o Pe. Rohr foi nomeado representante do IPHAN em Santa Catarina, representante a do Noram, sem ganhar nada. Com isso, o Pe. Rohr tinha um papel fundamental, foi localizando, foi intimando. Naquele tempo, os sambaquis estavam sendo explorados por imensas calheiras, os grandes sambaquis sumiram do mapa. Eu tenho uma

foto, por exemplo, do sambaqui da calheira que tinha 30 metros de altura. Eu tenho uma foto de quando ele estava mais ou menos intacto só com uma calheira e tem uma foto que ele é todo fumaça, com cinco calheiras, faz muito tempo. Isso foi na década de 60, 70, 60 eu acho, ele sumiu e assim muitos outros. É o único que defendeu, que mapeou, descreveu, foi o Pe. João Alfredo Rohr, comprando brigas incríveis, porque ele não tinha nem sequer uma nomeação, ele era representante a do Noram do IPHAN. E nessa base ele foi fazendo levantamentos, ele foi fazendo restrições, ele foi fazendo inspeções no Estado de Santa Catarina, com plenos poderes nesse tempo sem ter propriamente um cargo, apenas uma designação e só muito posteriormente se instalaram as superintendências.

**Mirian: Como é que ele fazia isso?**

**Pedro:** Ele tinha alguma verba como nós todos para fazer levantamento, mas a maior parte das coisas ele fez por conta própria. Ele tinha depois uma bolsa, que não me lembro quando isso começou, mas começou bem cedo, acho que já na década de 60, no começo de 70, ele tinha uma verba, uma bolsa do CNPq, um nível mais alto que, naquele tempo, o CNPq tinha e essa verba ele gastava, além de algum auxílio pequeno. Devia ser uma verba parecida com a que eu recebia, era para fazer levantamento de sítios e mais a bolsa. Nós temos atualmente todos os relatórios dele, da prestação que ele fazia para o CNPq, do IPHAN eu não sei se nós temos, mas do CNPq sim, nós temos tudo isso, então era dinheiro dele que ele estava gastando para fazer esse trabalho todo. Ele mais de uma vez foi ameaçado de morte, alguma vez ele foi salvo por generais, principalmente problemas de sambaquis, onde havia companhias de adubos trabalhando ele interditava esses sítios. A história do Pe. Rohr é uma história de alto risco, ele faz por sua conta como um protetor da cultura. O Pe. Rohr era considerado de alta cultura, ele fazia parte do conselho de cultura do estado, esse era um cargo que ele valorizava muitíssimo e que lhe dava respaldo para poder tomar essas iniciativas todas. Ele tinha, por um lado, uma bolsa do CNPq,

que no tempo era uma bolsa bem razoável. Ele deveria ter uma verba do IPHAN para fazer levantamentos e tinha, por outro lado, um respaldo como conselheiro da Cultura no Estado de Santa Catarina, que lhe davam toda essa força. Então, ele, praticamente, gastou a vida dele, depois que ele foi dispensado das aulas de química. Ele fazia o trabalho de campo, ele acampava por aí ou quando ficava em Itapiranga, por exemplo, ficou quantas vezes, fez escavações na beira do rio, fez aquelas datações naqueles barreiros onde se tirava barro para as olarias, escavou aquelas urnas todas que estão no Colégio Catarinense agora e assim ele andou por todo o planalto fazendo pesquisa.

**Mirian: O senhor poderia falar um pouco mais especificamente dessa etapa, desse momento em que ele vai para, o Oeste, em Itapiranga, assim tinha uma equipe, como que era.**

**Pedro:** A equipe de uma pessoa. Sempre foi uma equipe de uma única pessoa, com exceção das escavações grandes que ele fez no litoral, fora disso, uma equipe de uma pessoa só, onde ele se hospedava nas casas dos jesuítas, ele contactava. Eu sei que, quando ele trabalhava nas barreiras das olarias, ele se hospedava ou na paróquia ou quando ele estava trabalhando em Sede Capela, ele se hospedava no seminário. Mas era equipe de uma pessoa só, às vezes alguém ajudava, mas não era o estilo dele, esse era o estilo dos velhos jesuítas, que só conseguiam se defender sozinhos, Pe. Balduino Rambo, Pe. Alfredo Rohr, os nossos pesquisadores antigos todos eram equipes de uma pessoa só.

**Mirian: Um trabalho solitário.**

**Pedro:** Era uma única pessoa o que eles conseguiram fazer, o trabalho em equipe é uma coisa posterior. Nos grandes projetos do litoral, que ele fez aquelas grandes escavações, ele trabalhava de preferência com o pessoal da Estácio, os alunos da Estácio, duas ou três pessoas que ele conseguia manter. Ele mesmo cozinhava, ele alugava uma casa e era uma coisa extremamente frugal, uma coisa

assim muito simples, muito pobre, que caracteriza a primeira etapa da arqueologia brasileira, tudo era feito assim. Quando eu ia para Goiás, naqueles projetos grandes que a gente fazia, o meu compadre me ligava e dizia “Olha Pe. Schmitz traz o seu talão de cheques”. Não tinha nada de verba, ele conseguia uma condução da universidade que era uma camionete velha, ou a gente pedia emprestada de uma escola e o meu talão de cheques. Momentos muito diferentes, a verba começa entrar quando vem esse talão de cheques lá por 65 e dura durante 11 anos, a obrigação era fazer levantamentos.

**Mirian: Era para fazer levantamento.**

**Pedro:** É, essa era obrigação que o ministério, naquele tempo era o Ministério de Educação, assumia através do IPHAN.

**Mirian: Mas, por exemplo, ele descreve um pouco naquela publicação de 1966 do Anchieta que a idéia inicial era para ir para Itapiranga, por exemplo, só para fazer levantamentos...**

**Pedro:** Exatamente.

**Mirian: Mas quando ele chega lá, quando ele se depara com todo aquele material, ele acaba fazendo coletas ou será que ele faz escavação?**

**Pedro:** Coletas e escavações. Se ele encontra uma urna, um local com urnas ele escava. Eu sei que ele escavou quando aparecia carvão ou se aparecia essas peças da Tradição Humaitá nas barreiras. Tinha uma barreira atrás das olarias, então quando aparecia algum material desses ou aparecia uma mancha de carvão na barreira da olaria ele ia escavar lá, eu participei alguma vez. Então apareciam essas manchas grandes de carvão que se viam nas barrancas do rio em todos os níveis, aí ele fazia pequenas escavações, mas o objetivo dele em Itapiranga não era fazer escavações grandes. O objetivo dele era escavar casas subterrâneas lá no planalto perto de Lages. Ele fez algumas escavações maiores para saber como é que



funcionava as casas subterrâneas, fez em Alfredo Wagner também, onde apareceu algum material. Mas o trabalho principal dele era realmente localização e defesa, só que a defesa acabou sendo o motivo dele fazer aquelas grandes escavações do litoral. Ele começou escavando como é que se chama, ali no aeroporto, na base aérea onde estavam aparecendo esqueletos ele queria fazer o salvamento, foi a primeira escavação grande dele. Salvar esqueletos enquanto os operários estavam desbarrancando a área para tirar areia, apareceu uns esqueletos e ele ficava então resgatando esqueletos. Esse foi o objetivo. Esse objetivo de salvar os esqueletos foi a razão de ele fazer as grandes escavações depois, foi sempre em função dos esqueletos, salvar o material humano. Ele escavou depois a Tapera durante anos e a razão principal foi escavar os esqueletos e salvá-los. Depois disso, ele descobriu esqueletos, apareceram esqueletos na praia das Laranjeiras, perto de Camboriú. Ele começou escavando esqueletos, era o principal objetivo do trabalho dele mas, com isso, ele foi escavando, escavando e resgatou muito outras coisas: Laranjeiras 2, depois foi Laranjeiras 1, depois foi aquele achado em Cabeçadas em Itajaí, que apareceram esqueletos lá no late Clube. Ele foi escavar esses esqueletos, na Armação também apareceram esqueletos, ele foi escavar, no Pântano do Sul ele foi escavar esqueletos, então essa é uma etapa ainda inicial da arqueologia brasileira. Está muito marcada pelo salvamento dos esqueletos especialmente. Casas subterrâneas o Pe. Rohr escavou conosco entre 68 e 71 em Caxias, as primeiras escavações em casas subterrâneas ele esteve escavando conosco, e ele aí também aprendeu ou participou dessa forma de escavações. Ele foi escavar esqueletos em Urubici e aquelas regiões todas, então é uma etapa inicial da arqueologia brasileira.

**Mirian: Percebe-se que era bem próxima essa relação dele com o Instituto Anchietao.**

**Pedro:** Ele era membro do Instituto e nós publicávamos todas as coisas dele. Eu discutia, às vezes, quando ele me apresentou um trabalho sobre as galerias subterrâneas, sei que eu discutia com ele,

censurei o trabalho dele, dei uma orientada porque eu tenho uma opinião, eu já tinha algumas experiências também nesse campo. Ele nunca reclamou disso, eu sempre procurei promovê-lo ao máximo, nós éramos do mesmo Instituto e eu, nesse tempo, já estava editando a revista. Então todos os trabalhos que ele me apresentava eu publiquei, eu ajudava ele quando possível, mas o Pe. Rohr era uma pessoa assim, absolutamente independente e eu nunca interferi. Por exemplo, a Tapera nós publicamos depois da morte dele, a Tapera ele publicou todas na Revista Vozes, Arqueologia Pública, ele tinha essa consciência já muito forte nesse tempo. O Pe. Rohr era conhecido como arqueólogo porque ele publicava no Livro da Família, é uma publicação nossa, um almanaque que tem uma divulgação gigantesca, em alemão e em português. Em português a edição era de 120 mil exemplares, claro que nunca faltou um artigo do Pe. Rohr sobre seus achados no Livro da Família em português ou na edição alemã que é mais antiga, que também tem uma divulgação gigantesca. Hoje em dia está menos, mais chegava a mais de 100 mil exemplares uma edição, duas edições, e os colonos do interior de Itapiranga, em Chapecó, em todo litoral, todo mundo lia os artigos do Pe. Rohr. Então tinha uma afeição muito especial os esqueletos, Arqueologia Pública nesse tempo. O Pe. Rohr era o maior divulgador da arqueologia. Por isso, ele publicava na Revista Vozes, ele publicava nessas revistas de divulgação sempre tinha os artigos do Pe. Rohr. Estava mais interessado nisso, do que propriamente nos trabalhos científicos, que nós montamos depois que ele morreu. Nós entramos na outra etapa da Arqueologia, que já não era a etapa da localização desse primeiro conhecimento fantástico, mas já era uma tentativa de fazer uma arqueologia científica tradicional. Não a Nova Arqueologia, Arqueologia Tradicional ainda nesse tempo. Então a gente salvou todo o acervo dele, está tudo publicado, os esqueletos estão sendo trabalhados ainda agora. Tem várias pessoas trabalhando, o Pe. Rohr pode descansar tranquilo, nós não deixamos nada sem publicar. Então se a gente pensa no fato que ele é o patrono de um dos prêmios, é absolutamente merecido, ele fez um trabalho gigantesco de

localização, de proteção, de divulgação e depois nós tentamos fazer ainda o trabalho científico inicial que precisava fazer.

**Mirian: E depois da morte dele em 1984, como ficou o acervo? Eu sei que uma parte das peças ficaram no Colégio Catarinense...**

**Pedro:**Todas.

**Mirian: Todas as peças ficaram lá?**

**Pedro:** Todas. Quando ele morreu, eu estava voltando da Bahia, tinha feito um projeto na Bahia, e o Pe. Paulo Rodhem, que era Reitor do Colégio, ele me chamou urgente, eu estava chegando, olha passa aqui rapidinho, porque o IPHAN estava querendo se apossar disso. E era uma coisa muito contestada nesse tempo, eu cheguei, me mandei para Florianópolis, nos reunimos junto com a Edna Morley, que era representante do IPHAN, nós sentamos lá no gabinete do Reitor do Colégio e conversamos sobre a coleção. Mas antes disso, eu tinha chegado de manhã cedo, no ônibus da noite, eu fui tomar café na residência, encontrei o Pe. Paulo, aí eu perguntei para o Pe. Paulo: qual é a sua idéia a respeito desse material, que mantê-lo aqui no Colégio, o que vai acontecer com isso? “Eu quero manter aqui no Colégio”, tá bom, eu disse para ele, “então nada sai daqui”. Isso no café da manhã quando eu estava chegando, depois do café a gente foi se reunir com a Edna para deixar a coisa oficializada. Então eu falei também para ela, eu disse “Olha, eu não vou tirar nada daqui, nem uma lasca, com exceção dos documentos”. Os documentos eu juntei, estão todos aqui à disposição de quem quiser, mas estão protegidos. Depois disso, todo mês, eu ia num fim de semana ou um dia que pudesse ir até lá para transportar o material que estava numa casinha velha, onde o Pe. Rohr trabalhava e morava. Foram colocados no Colégio num espaço mais amplo, eu nunca deixei ninguém transportar nada, sem eu estar presente para garantir que a coleção não fosse misturada, não sofresse algum prejuízo, a pessoa podia fazer alguma coisa sem saber. Então, foi a primeira disposição, eu fui para lá durante meses, era muito material que estava lá na casinha dele, transportamos tudo para um espaço que

tinha dentro do Colégio lá na parte mais alta, na torre. Depois nós organizamos isso tudo e, a partir disso, nós começamos a analisar o material. O museu estava numa situação bastante precária, não era muito bem atendido, depois o Colégio se desinteressou, a coleção ficou fechada muito tempo. Depois que nós analisamos tudo, depois de muitos anos, depois de muita reclamação da imprensa se restaurou todo o espaço onde o museu está agora, então se reorganizou o museu e se recolocou a coleção. Ela tem partes que eu não conheço mais, porque com a reforma do prédio isso foi transportado, mas a gente reorganizou o museu. Eu mesmo me responsabilizei pelo que existe agora, eu mesmo fiz essa parte. E as coleções, depois que entrou um funcionário um professor, que agora atende já faz alguns anos, ele atende de tarde, então o museu e as coleções têm sido bastante estudadas, várias pessoal, pessoas do Walter Neves, outras pessoas que estão estudando especialmente os esqueletos, porque a outra parte nós tínhamos analisado tudo, tudo que se refere a recuperação de material lítico, cerâmico e ossos nós analisamos, não ficou nada sem analisar e sem publicar.

**Mirian: E tem muita coisa do Oeste lá.**

**Pedro:** Não, nada, só as urnas.

**Mirian: Só as urnas inteiras?**

**Pedro:** As urnas inteiras e algumas peças líticas.

**Mirian: Da Cultura Humaitá?**

**Pedro:** Isto não tem nada, o Pe. Rohr foi para Itapiranga basicamente para recolher aquelas urnas que estão no museu e para fazer algumas outras coletas de material, Alto-paranaense, por exemplo, mas não tem grande coisa não.

**Mirian: E se tem uma noção de totalidade da coleção dele?**

**Pedro:** Tudo o que ele fez está publicado naquele número de Pesquisas.

**Mirian: Deve ter muita coisa, se ele iniciou com uma coleção de 40 mil peças .**

**Pedro:** Essa foi comprada, essa é da ilha de Santa Catarina da parte Sul, um comerciante de tecidos de Florianópolis, ele trocava retalhos por cacos, como o Pe. Balduino Rambo trocava prêmios por cacos em Itapiranga. Você viu as nossas coisas pintadas, os cacos que não estavam pintados ou que não eram bordas assim, isso tudo desapareceu, era um caminhão cheio de cacos sem procedência.

**Mirian: Toda a documentação de campo que o senhor ficou, o que é?**

**Pedro:** Toda a documentação que o Pe. Rohr tinha eu salvei, foi a sorte porque senão, não existiria mais nada, tá tudo aqui, quer consultar não tem nenhum problema, está organizado. São mais os relatórios, eu penso que o Pe. Rohr, depois que já tinha feito o texto para a publicação, ele destruía os originais, é a impressão que eu tenho, porque os originais dos trabalhos publicados não existem mais. Nós tivemos que, por exemplo, republicar o Pântano, mas republicamos a partir da publicação dele e nada mais. Existem fichas de esqueletos, isso existe, de alguns sítios que ele não chegou publicar, mas só os relatórios dos sítios que ele não tinha publicado. Eu acho que o resto ele fazia as anotações provisórias, organizava e destruía.

**Mirian: Aquilo que não era publicado.**

**Pedro:** Sim, ele organizava os dados, bom isso aqui agora já são rascunhos que não precisa mais, então aqueles sítios que ele não chegou a publicar sistematicamente, as anotações de campo existem, daqueles sítios que ele chegou a publicar como, por exemplo, o Pântano. Ele fez uma publicação no diário oficial de Santa Catarina, dessas anotações não existe nada, daí eu suponho que ele tenha organizado as suas notas de campo e depois tenha destruído.

**Mirian: E o material fotográfico?**

**Pedro:** Tá tudo aqui, inclusive o secretário executivo do Colégio queria levar para lá e queria digitalizar lá, só que no momento que ele ia fazer ele não apareceu. Todo material fotográfico está comigo está disponível, são negativos, negativos e negativos, rolos, rolos e rolos, todo esse material está aqui, o pessoal sempre que precisa vem consultar, não tem nenhum problema, tá tudo organizado, principalmente os esqueletos é o que mais se tem procurado, porque o resto que existia nós publicamos, não tem nada inédito.

**Mirian: E outros trabalhos que ocorreram no Oeste Catarinense, que o senhor tenha participado fora essas etapas com o Pe. Rohr?**

**Pedro:** Não só aquele primeiro trabalho em Sede Capela e depois o trabalho com a Marilandi, que nós também publicamos e mais nada.

**Mirian. Esse da Marilandi que está publicado é o relatório?**

**Pedro:** Está publicado, deve ter um trabalho do Marco Aurélio com Artuzi, onde se fala dos sítios tupi-guarani e deve ter um trabalho sobre sítios taquara. Eu nem apareço nesses aí, o Marco Aurélio, naquele tempo, estava trabalhando conosco, Artuzi era bolsista, era geólogo. Então acho que são dois trabalhos que foram publicados e é só. A análise da cerâmica tupi-guarani nós fizemos, tivemos que roubar esse material da Marilandi, então como era muito quente em Itapiranga, quando ela ia pro campo, nós íamos para o laboratório, lavamos tudo e analisamos tudo e entregamos para ela. Ele deve ter mandado analisar de novo. Mas a gente fez todo o trabalho, porque nós não íamos entregar o material inédito para ela, então, das duas até as três e meia por aí, nós estávamos no laboratório, lavando e analisando tudo. Nós só trouxemos de lá para cá material que estava fora da faixa de inundação, nos morros, nós tínhamos descoberto sítios taquara com a casa tupi-guarani no meio, com muito material, com muitos cristais de quartzo lascados. A

gente reconhecia os sítios taquara, quando chegava perto via aquele brilho dos cristais na superfície, esse material está aqui, esse nós trouxemos para cá.

**Mirian: E o que ficava na área de abrangência da usina ficava com ela?**

**Pedro:** Tá tudo lá, mas era só tupi-guarani.

**Mirian: Não encontraram mais objetos da Cultura Humaitá nessa etapa?**

**Pedro:** Não, sobre Cultura Humaitá eu tenho um trabalho, mas não sei mais de que ano é isso, mas, do começo da nossa Revista junto com a Ítala, nós descobrimos um sítio junto com o Pe. Rohr, isso deve ser anterior a 61. Então tem uma descrição depois de Menghim, foi a primeira descrição brasileira da Cultura Humaitá. Olha, nós fizemos uma primeira descrição até bem adequada nesse trabalho, que foi uma coleta que eu fiz, e o material está aqui. Com exceção de uma pequena coleção que nós emprestamos para Taió, para o museu, emprestamos para eles terem o material para expor no museu municipal.

**Mirian: O senhor estava terminando a idéia?**

**Pedro:** Além das coisas publicadas, não existe mais nada lá de Itapiranga. Eu lembro do Pe. Rohr aquele trabalho que nós publicamos e o outro do De Masi e Artuzi, um deles acho que fala dos artefatos líticos tupi-guarani, são dois trabalhos que existem ao todo para lá e é só, não tem mais nada.

**Mirian: Essa datação que o Pe. Rohr fez lá em Itapiranga em 1966, deu aproximadamente 7 mil anos.**

**Pedro:** Oito mil, não sei se são todas as datações do Pe. Rohr ou se tem uma datação do Piazza também. O Piazza também andou por lá, a publicação está no Pronapa, ele fez algum levantamento, ele criou uma fase Iraí, ou alguma coisa assim, ao longo também de

Itapiranga e Iraí que ele esteve presente. Eu acho que ele fez alguma datação, eu sei que tem uma datação que eu lembro assim vagamente, deve dar 8.400, 8.600, naquelas barrancas do Uruguai. Agora o que isso representa, normalmente nós usamos essas datas para a Tradição Humaitá, realmente são fogueiras, são manchas grandes de carvão que aparecem durante quilômetros e quilômetros nas barrancas do Uruguai. Essas manchas aparecem por causa da retirada do barro para as olarias mas, andando no rio se vê nas barrancas assim várias alturas, se vêem aquelas manchas de carvão assim bem espesso. O que isso representa, certamente não é uma queimada natural porque forma rodelas, normalmente não tem nada dentro, além de carvão.

**Mirian: Os objetos não estão associados e nem próximos...**

**Pedro:** Esse que é o problema, então a gente tem utilizado essas datas para a Tradição Humaitá, não é uma coisa assim absolutamente tranqüila não.

**Mirian: Falando do trabalho Marilandi no Alto - Uruguai que durou tantos anos, parece que não teve datações.**

**Pedro:** Eu tenho impressão que ela não tenha feito datações, porque para datação nesse tempo era uma coisa meio complicada de fazer, eu fazia através da Betty Meggers até recentemente, agora eu tenho dinheiro próprio para fazer, então agora eu faço por conta risco.

**Mirian: E hoje em dia tem que ser mandado para fora?**

**Padre:** Sim, não tem nada no Brasil e nem é confiável, mesmo que tivesse essas datações por termoluminescência, eu não acredito em data de termoluminescência.

**Mirian: Bom professor, muito obrigada.**

**Pedro:** De nada, é uma satisfação.



## **Nota**

Mirian Carbonera – Técnica de Arqueologia do CEOM/UNOCHAPECÓ e mestranda em História pela UNISINOS. A entrevista foi desenvolvida como sendo parte do projeto de extensão FAPEX, intitulado “A Universidade nos Museus: inventário das coleções arqueológicas do Oeste de Santa Catarina”, financiado pela Vice-reitoria de Pesquisa, Extensão e Pós Graduação da Unochapecó.